

A PARVONIA

Metralhar a Parvonia a cascas de pepino,
Esfaquear Prudhomme, e apunhalar Calino...

G. Junqueiro

ARTE

FOLHA AVULSA

CRITICA

Hermenutica e lerias

Não se sabe, na «Havaneza» se, n'aquillo do meu passado artigo, quiz ou não offendel-a; mas desconfia-se das minhas intenções.

Deploraveis ignorancias de *Hermeneutica*, de onde restlta a má interpretação das minhas palavras, ou igualmente dêploraveis obscuridades do meu estylo, a produzirem o tal effeito.

Faz-semister declarar, que não só não disse mal, mas até pretendi dizer bem.

Nã «Havaneza», onde, ás vezes, estaciono minutos, não tenho ouvido injuriar quem passa, não porque não estejam uns a pedir troça, sova outros e uns terceiros ás duas coisas juntas — e d'estes ultimos são uns que, por terras semi-barbaras, andam em cavallarias altas, fazendo resoar a tuba canora da Fama (que hoje em dia é a correspondencia, sem grammatica, lardeada de francezismos, a pataço a linha, na secção dos communicados); mas por um sentimento louvavel e de maus resultados, aquelle de procurar esconder miserias alheias.

Questão de altruismo...

Os quaes resultados são, a engorda da patifaria, a deixar a perder de vista accumulção de banhas de cerdo bem tratado, com boa bolota e melhor lavadura substancial.

Era preferivel que ellas, as porcarias, apparecessem para ver se os portadores, se

envergonhavam.

Devia-se até, carregar com palavras obras, uns que para ahi vegetam, parasitas que lançam raizes em estremeiras e nos outros, que á custa d'ellas e d'elles viçam e enflorecem; e outros que alliam com uma estupidez, maior do que a permittida a humanos, uma má fê muito humana, impropria de bestas.

Tambem, urge confessal-o, não tenho ouvido, na Havaneza, fazer a apologia dos que perpassam.

E' que alguns (ainda os ha) que mereciam os elogios, não malbaratam o tempo em passeios no interior da nossa terra, um celleiro d'archeologias toda ella, a terra, parte dos habitantes e dos sentimentos.

Em poucas palavras:

Não tenho ouvido, na Havaneza, phrases que me authorisem a affirmar, que lá se exalta ou deprime quem passa ao alcance dos olhos dos estacionarios.

Soceguem os senhores que tem culpas no cartorio. Na tabacaria ningem lhes liga importancia.

Assim o creio, assim o digo.

*

Quanto ao «Vimaranense», queria eu dizer que... mas nada digo, porque ou heide procurar preservar a pituitaria do contacto das exhalções da folha ou tomar a penna para tracejar observações.

Alem d'isso, tenho aqui

na garganta, uma sensação incommoda de intumescencia — preludios de angina, quem sabe? —

Mau, que descambava em relatorio de doenças!

Satan

DIES IRÆ

Tombam por terra os idolos defeitos,
Ouvem-se, ao longe, os parias a chorar;
A mesma dor abala tantos peitos,
A hora da vingança está a chegar.

Infames! dormitae em vossos leitos,
E deixae a miseria agonisar...
O triste reclama os seus direitos,
E a lucta cruel vae começar.

Ha muito já que a velha Humanidade
Rugiu na sombra: «Acorda, Liberdade!
E's irmã do Direito e da Justiça!»

E vae soar a hora da batalha:
Sinto bramir as vozes da Canalha,
A chamar os infames para a liça.

18-VIII-98

Joaquim Costa

CARTA

A OUTRO REVERENDO

Meu reverendo

Ha tempos já, quando os periodicos noticiaram o apparecimento do vosso folheto, tirei-me dos meus cuidados e desci os Clerigos em demanda da obrinha.

Remexia, contente, nas algibeiras, uns tostões, que destinava a obter o prazer de ver um sabio cavalgado por um theologo, espectáculo que se me afigurava proveitoso, deleitoso e unico.

Soffri uma decepção quando um meu amigo, o livreiro Tavares Martins, me disse que as vossas 15 paginas, reverendissimo senhor, não existiam no mercado.

Hontem, casualmente, topei-as na mão de alguém, que condescendeu em m'as emprestar.

Logo, de um folego, as li e me-

ditei, na minha uzual posição de meditação, que é e foi também, a de muitos homens illustres, deitado na cama, com os pés a marinharem pela parede.

Não imagine vossa reverencia, que isto é uma critica do seu absurdo folheto. Eu apresento apenas umas parvoçadas que me saltaram aos olhos.

Começa vossa reverencia por nos contar que foi visitado em agosto do anno passado pelo dr. Bombarda, que examinára o seu muzeu zoológico e livraria, e se espantára do telephonio em Vizella.

Conhece-se perfeitamente, que vossa reverencia, não quer perder o ensejo de contar que possui collecção de bichos e telephonio.

Lembre-se do que diz o Ecclesiastes: *Vanitas vanitatum et omni vanitas*; que eu, diante d'isto, peço, como David:

Averte oculos meos ne videant vanitatem.

Gustav, o senhor padre, da pessoa do doutor, tractavel, bondosa e inferiu, ser elle um grande talento, porque trazia *lunet is transluzentes*.

Não me parece que vossa reverencia descobrisse invisiveis vidros entre o talento e os vidros destinados a corrigirem a vista.

Acho absurda uma relação, entre o talento e a translucidez das lunetas, e não sou como Santo Agostinho que dizia:

Qui absurdum credo.

O que creio é que vossa reverencia está mentindo o que alem de peccado é muito feio. Não faça isso reverendissimo senhor!

Diz vossa reverencia que o livro do dr Bombarda é de fazer echo e ribombo no meio das sciencias e escholas modernas.

Em que tratado de acustica aprendeu vossa reverencia, isto de fazer echo antes de ribombar?

Diz também espirrando graça:

S. ex.^a, que se assenta n'um throno magistral, e vis, cá n'uma aldeia, sobre um penedo, etc.

Está a gente a recordar-se d'aquillo de Camões; canto V, est LVI: E junto d'hum penedo outro penedo.

Diz mais, que o dr. Bombarda prega um *pont ipê* na Psychologia.

Confesse reverendissimo senhor que não poderia fazer outro tanto, embora o quizesse.

Assevera que o dr. foi *excommun-gado* pela Anatomia e Physiologia.

Vê se bem que o folheto, é obra de padre que, vindo fallar de sciencia, não pode desembarçar-se da technica do officio.

Vossa reverencia diz a pag. 8 da 1.^a edição do seu folheto, que

se o dr. Bombarda o quizer metter em Rilhafolles, ou fazer-lhe uma autopsia aos hemispherios *cerebrâes*, sem licença do Sê Regedor clama:—Aqui El-rei, que me querem roubar o meu instrumento de muzica!

Vossa reverencia dir-nos-ha se o instrumento que tem no cerebro é cythara, lyra, harpa, piano, violino, guitarra, gaita de folle, flauta, requinta, fígle ou trombone; a mim me parece, que deve ser caixa de rufo ou matraca.

Alguem afirma que vossa reverencia nada tem lá dentro.

Onde lêu no livro do dr. que existem os *neurones* entre o cerebro e o pensamento?

Vossa reverencia viu a pag. 238 da «Consciencia e o livro arbitrio» que os milagres de Lourdes eram *enguiços, agoiros ou más olhaduras*, como conta, ou viu como toda a gente, que o leu, que as *unicas superstições que a sciencia ainda não conseguia desmoronar de todo, são a par da alma, as aguas de Lourdes, reliquias, agoiros, indulgencias, etc?*

V. Reverencia explicar-me-ha se foi ignorancia de leitura ou má fé, se precisa de um professor ou de um correctivo.

Conta vossa reverencia que Ventura de Raulica compára os philosophos modernos a uma multidão de bebados em roda de uma pipa de vinho!

Claro, meu padre, que, como philosopho e como machina pensante, tenhes um logar no circulo borracho, se não preferis mergulhar dentro do tonél.

Lamenta as duvidas e contradicções das pag. 342 e 396. Não ha contradicções na pag. 342 e tendo o volume 352 pag. como foi que vossa reverencia as encontrou na pag. 396?

Mysterio! Agouramos mal de vossa reverencia. *Perversi difficile corriguntur...*

Isto apparece nas duas edições do opusculo. Não é crível pois, que haja erro typographico.

Vossa reverencia diz, que o dr. Bombarda descobriu a bruxaria nos *neurones*! Que é o *inveni* de Archimedes!

Não ignora, reverendissimo senhor que Archimedes era Siracusano e que se não fallava o latim em Siracusa.

Vossa reverencia sabe também, que elle, quando percorria a cidade, n'um ataque de jubilo limitrophe da loucura, em trajas paralisiaes, não exclamava *inveni*; mas *sím eureka!*

Vossa reverencia podia, muito propriamente, dizer que era o *achei* de Archimedes; mas não que era o

inveni do mesmo.

Não nos diga que isto são futilidades, ninharias.

Pelo dedo se conhece o gigante reverendissimo!

Vossa reverencia fecha o aranzel estulto por estes versos de Gerard de Nerval:

Espère enfin, mon âme espère;
Du doute brise le réseau;
Non ce globe n'est pas ton père;
Le nid n'a pas créé le oiseau.

Se eu lhe pergunto quem foi Gerard de Nerval, vossa reverencia, abre o seu Larousse portatil e responde-me:

Nerval (Gerard de) litterateur et poete fr.^{an}é à Paris (1808-1855).

Mas isto não chega.

Vossa reverencia que sabe do estado das faculdades mentaes de Nerval?

Eu sei, e creio que o meu rico senhor padre, possuidor de livraria, não ignora, que Gerard de Nerval era um louco, que nos seus momentos de calma ouvia o espirito de Adão e de Moysés a contarem-lhe coisas de cima de um movele que encerrado n'uma casa de sanção dizia aos visitantes: o louco é o director, nós fingimos ser tolos para lhe agradar etc, etc.

Para afirmar que o ninho não cria o passaro e que os filhos de Zebedeo não são filhos do gloto, era desnecessaria, tão conspiciua e idiota authoridade.

Reverendissimo senhor, também eu quero citar um verso. E de Petronio se me não falha a memoria. Eil-o:

Primus in orbe deos fecit timor.

Por volta dos 11 annos, nos meus tempos do collegio, tinhamos nós, eu e os outros, um systema de passar divertida e impiamente o tempo da missa. Como estavamos de joelhos e em forma quatro a quatro iam serguendo ao ar os pés dos que estavam ajoelhados na nossa frente, que cahiam e repetiam a brincadeira. Uma patifaria, de que o prefecto, ás vezes, dava tento e castigava com bollaria.

Lindos embriões de herege!

No salão de estudo havia um *Gerção* de Jesus, uma oleographia pendurada na parede.

Cinco minutos antes de começarem a aula, eu enviava fervorosas preces á estampa para fazer o milagre de eu dar uma boa lição, eu que durante todo o estudo lera com delicacia, a—Vellice do Padre Eterno—ou outro volume escaudabroso.

Elle não fazia a obra sobrenatural e nem por isso eu deixava de

continuar a recorrer a ella nas occasiões de atrapalhação.

O senhor padre Antonio Hermano, auctor do livro —Pela rama— chama a isto *covardia da impiedade* ou cousa assim.

Engana-se sua reverencia:

Primus in orbe deos fecit timor.

Isto que tenho dito, bem espremidido quer dizer, que vossa reverencia ou é um ignorante estúpido, o que não creio, porque o sei possuidor de muzeu de bichos, livraria e telephonio, ou um catholico faccioso, a defender a religião com uma bravura grotesca que nos causa um mixto de riso e pena.

Vossas reverencias, senhores padres, n'esta viola do mundo, querem afinar de mais a toeira da religião e arranjam a estoural-a de vez.

Reverendissimo senhor, que Deus o prospere longos, annos e o faça desabrochar em subsequentes opusculos melhor pensados, para poderem ser assignados por uma *maquina pensante*,

De vossa reverencia
humilde servo

O D'YABO

COMPENSAÇÃO

A JOÃO DE MEIRA

De saudades, de maguas, de illusão,
De castellos phantasticos de vento,
Se alimenta meu triste pensamento,
Desde que despertou meu coração.

Meus olhos tristes já cançados vão
De, no abysmo do meu cruel tormento,
Irritando no azul do firmamento
A luz d'uma esperança, sempre em vão.

Mas o sono, que á noite me entorpece,
Pode ainda abrandar minha amargura
No sonho d'ouro que á minha alma desee.

E' apenas um engano, illusão pura,
Mas n'esse doce engano a dor esquece.
Feliz do que no sonho acha ventura!

Torquato Pinheiro

A chegada de dois «buffos» á Parvonía

Continuam na grande, magestosa, gigantesca e sublime *tournee*, pelas principaes localidades poeticas do norte de Portugal, os dois *touristes* que, durante a qual, vão mostrando as suas raras habilidades venatorias, as suas inexciveis qualidades de *sportmen* e os seus elevados dotes oratorios, dotes esses que foram revelados, quando n'um lauto jantar que lhes offereceram, soltaram de improviso brindes em resposta a jubilo-sas surpresas.

*

São dez-horas. A Parvonía, do-

minada por um entusiasmo indescriptivel, proveniente da sua boa representação no *estrangeiro*, resolveu fazer um festejo imponente á chegada de s. ex.^{as}, para o que, pelas ruas da cidade, já apparecem pasquins das varias associações que avisam os socios a comparecerem nos centros respectivos, para se tratar do melhor meio de abrilhantar os ditos festejos. São quatro horas da tarde. O povo, aos magotes, percorre as ruas da cidade, soltando calorosos vivas que são universalmente correspondidos; as musicas deixam ouvir, nos seus afinados instrumentos os hymnos entusiastas do *Seixal*, e do *Vai-te embora Antonio*; aqui e alem vêm-se os carpinteiros, azafamados, construindo grandiosos e luxuriantes palanques, para n'elles serem recebidas s. ex.^{as}; mais alem vêm-se outros fazendo arcos colossaes e sublimes, nos quaes estão retratada a giz as physionomias de suas Altezas; por toda a parte individuos tratam do adorno das ruas, collocando aqui, alli e mais alem varios pinheiros luxuosamente pintados que sustentam variados dísticos e ligados entre si por arame destinado á supportar os côpos da illuminação.

São 6 horas da tarde. Acha-se constituida a commissão executiva da festa, que manda distribuir pelas moradas o seguinte

PROGRAMMA

No antepenultimo e penultimo dia do da chegada dos *principes* á Parvonía estalarão ao romper d'alva e ao meio-dia 80 duzias de foguetes e 20 de morteiros, e á noite haverá vistosas illuminações.

No dia da chegada haverá um cortejo que sahirá do largo do Carmo e constituido pela ordem seguinte:

A' frente, n'uma fogosa cavalgadura, empunhando com galhardia o estandarteda Parvonía, irá um homem illustrado; em seguida o Club Velocipedico Vimaranesense montando nas suas bicycletas sem pneumaticos; depois irá a Havaneza com ar marcial, seguindo-se lhe a Assembleia no *high-life*, de claqué fina e elevada, de bota de polimento, collarinho que lhe cubra as orelhas, monoculo, luva branca e bengala de gancho; depois irá o Club *Commercial de paleto*; em seguida as varias instituções civis, os collegios, os centros *commerciaes*, cortejo este, que, depois de ter percorrido as principaes ruas da cidade, se internará na Avenida Mousinho de Albuquerque, seguindo depois para a *gare* aonde chegarão, n'um comboio expresso, s. ex.^{as}, trocando-se então os mais saudosos vivas aos dois *troupistes*

(não se desconsiderem *suas ex.^{as}* por as appellidar de *troupistes* depois de as intitular *Altezas* pois que muita Alteza tambem é *troupiste*) que serão levados ao collo da multidão da Parvonía para o meio do cortejo que seguirá o trajecto para a Sé onde haverá missa cantada pelo arcebispo e *Te-Deum laudamus*, findo o qual irão s. ex.^{as} visitar os palanques, onde lhes serão lidos os votos de manifestação dos varios centros; depois serão convidadas para assistirem a uma pesca importante nas poeticas margens do Selho, a seguir á qual serão obsequiadas com um lauto jantar, dado pelos principaes titulares, trocando-se então os mais esplendidos e *estilicos* brindes; depois irão dar uma passeata pelo arraial, que durará até ás 10 horas da noite e durante o qual tocarão 20 philarmonicas, serão lançados milhares de aerostatos, habilmente construidos pelo Vestia, e queimar-se-ha um grandesortido de deslumbrante fogo d'artificio; ás 10 horas, em honra de s. ex.^{as}, subirá á scena a *Madame Benoiton* de Victorien Sardou, que será magestosamente executada pela companhia Eleonora Düse, ouvindo-se então pela segunda vez o instrumento bombardino do sr. Ramos; depois haverá um baile na Assembleia, onde se dançará até ao romper da alvorada, que s. ex.^{as} desejam observar depois d'aquelle que presenciaram no Arco, seguindo-se depois no meio de uma enorme multidão a marcha solemne de *S. Altezas*, muito bem recostadas n'um carro triumphal, que as levará ás portas do palacio. Depois... seguir-se-ha...o...

C'est finie la contradance.

O Diabínho

A EL-MAGRITO

Um conselho só de amigos mais não de irmãos. Crendo eu, que você é espanhol, como seu proprio nome indica, peço-lhe, que não torne a escrever em portuguez, porque então está sujeito a produzir taes calamidades como as que se podem observar no seu artigo, que tal nome não merece, intitulado «Troço». Logo nas primeiras linhas, divisa-se a palavra «zangões». Começo por confessar, que não conheço tal palavra na lingua portugueza. Estou porem ouvindo-o dizer, aolêr estas linhas, «zangões» é o plural de «zangão»; pois enganou-se seu grande ignorante; a palavra «zangão», não forma o plural mudando o *ão* em *ões*; formo-o, acrescentando-lhe um *s* li-

nal; portanto fica sabendo que se se diz «zangãos» e não «zangões», como queria.

Mais abaixo falla-nos em «ónagro». Confesso que não conheço tal termo; conheço unicamente a palavra «ónagro;» porém diz-me vossê agora: isso foi lapso de imprensa, portanto não tenho culpa n'isso; replico-lhe eu: não creio que tal fôsse, mas ainda que assim succedesse, não admittimos os seus enganos logo que revêm as provas, como vossês nos disseram por outros termos n'um dos artigos do «Vimaranense» quando na «Parvonía» appareceram algumas palavras com as lettras *invertidas*).

Depois mais abaixo ainda, falla-nos em «fucinheira».

Digo, que tambem não conheço tal termo, mas sim a palavra «focinheira» porque julgo que se escreve «focinho» e não «fucinho».

Depois escreve-se o soneto de Tolentino que é *mais velho que o...* «Vimaranense» e que qualquer sapateiro conhece, para nos mostrar que é *fundo* no conhecimento de obras poeticas. E' incrível que depois de tão longa pratica da acção não saiba que se escreve *orqueir!*

Veja que *satyrico* é adjectivo.

Olhe: como é gallego e provavelmente dos *taes de pau e corda* que andam na redacção do «Vimaranense», deixe esta, pegue nos tarcos e vá fazer carretos para a estação.

O Diabinho

30-VIII-98

QUINTILHAS

To-ni-ão, que «Piruetas»
Dás p'lo mundo e não te importas,
Que és homem de poucas trêtas
E segues as linhas rectas,
Quando não vaes pelas tortas,
Cá chegou a versalhada
Com que tu nos queres ferir.
Nós achamos-lhe piada,
Demos muita gargalhada,
Eu in-la me esou a rir.
Na tua leitura immerso,
Vendo o desfilar eterno
De muito nome diverso,
Guidei ler o rol, em verso,
Do pessoal do Inferno.

Mostraste que possrias
Um dicionario da fabula.
Deixaste ver, que sabias
Que coisa fôsem Harpias,
Na tua arenga de grabula.

Pois folheia o dicionario,
Mas folheia-o com cuidado
Que verás n'el'e, ó nefario,
Que dizer *Cerebro* é contrario
A tolo e qualquer tratado.

Quando ao Inferno desceu
A raptar Eurydice,
Quem Orpheu adormeceu
Foi Cerbero mau lehren,
Dizer *Cerebro* é tolice!

Podes chamar, ó sandeu,
Do Inferno as hordas ferozes;
Ninguem ouve o brado teu.
Ao Inferno como ao Ceu
Não chegam lá certas vozes!

Alem do lindo estendal
De vícios, que ali estão,
Pem patentes, no *jornal*,
Tens ainda por teu mal
Fumaças de valentão.

Continua a dár-nos trêta
E revela tudo o mais,
Que dentro em pouco, pateta,
Dás-nos lista completa:
—Sete peccados mortaes!—

O Demonio



TRÉPLICA

El-Magrito sahê á estacada cou-
raçado de vocabulos chulos, de
uma terminologia reles de taberna.

Não nos responde.

Atira-nos injurias infladas de
porcarias, que passam de largo
sem nos tocar.

Coisas sujas que só no «Vimara-
nense» se sabem escrever.

E' necessario acrescentar á lista
dos animaes impundos, menciona-
dos no Levitico cap. XI, mais este,
se é que Moysés não fallou n'elle
profeticamente.

Talvez *El-Magrito* seja aquelle
Chirogryllus que remoe e não tem
unha fendida, bicho que os theolo-
gos e zoologos desconhecem.

Nada o move a ser limpo e mu-
ito fúrico rão cessa de gritar que
os porcos somos nós.

liz que somos (*sic*) *zangões alam-
biscados*, que damos *parolhis de
coues*, que eu protestei (*sic*) *urná-
ar* que a *bi's melambusa a (sic) fu-
cinheira et:*

Figuras d'estas, imagens de pa-
relhas de coues, emprega-as amiu-
de *El-Magrito* rethorica e prati-
camente.

Chama-me o *cavillo maior*. Es-
te insulto despejou-o elle com opti-
mas intenções. Queria captar a mi-
nha benevolencia dando-me o títu-
lo de irmã; mas eu, que me não
sentiria agradao da irmandade do
Pégaso ou do Incitatus, devolve-
lhe o diploma, sem lho agradecer,
porque me não lizongea. Pelo con-
trario.

Quando *El-Magrito* sahir da caval-
lariça de onde nos está fazendo es-
gares responder-lhe-hemos; mas não
decemos ao insulto porco e baixo
capaz de envergonhar regateiras.

Quando se lhe acabou o vocabu-
lario de termos chulos, recita-nos o
soneto de Tolentino, que sabe de
cór, como qualquer sujeito lizongea-
do saberia asphrazes amaveis, que
lhe foram ditas.

Mas foi-lhe infiel a memoria e
alem de pôr no soneto a pontuação
errada (manha velha do «Vimara-
nense») adultéra lhe um verso.

E':

*Abrir em negra pedra este letreiro
e não*

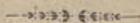
Gravar em negra pedra este letreiro

Este *Troco* do «Vimaranense» pa-
rece, pelo cheiro que exhala, troco
em cobre de sardinheira.

E' o tal *Troco* o segundo jacto
de pús que lança de si o furun-
culo.

Quando virá o carniceão?

O Dyabo



A's Boas Almas do «Vimaranense»

O' vós, que andais pela redacção
do «Vimaranense» tendes, por acá-
so, alma? Foi, para os palermas
d'esse bi-semanario, uma injuria, o
não termos grifado algumas pala-
vras, entre ellas a de «jornal»,
quando nos referiamos á «Parvonía».
Talvez tivesse succedido; porem o
que isso nos mostra, é que vossê
não fazem a minima ideia do que
signifique a palavra «jornal», por-
que então não escreveriam no lo-
gar dos expedientes: «O «Vimaranen-
se» é o jornal de maior circulação
n'esta cidade»; pois que o termo
«jornal» é um gallicismo que pro-
vem da palavra franceza «journal»
que significa «diario», embora se-
ja algumas vezes, *mas impropriamente*,
tomado na accepção de
«periodico».

O «Vimaranense» é diario?

Não é; pois então façam o favor
de grifar no seu bi-semanario,
no logar dos expedientes, a palavra
«jornal» ou então de substitui-la pela
de «periodico».

Corja de lórpas!

O Diabinho

ADVERTENCIA

Se n'este papel impresso, que
não é diario, semanario, quinzenario
ou periodico de qual puer especie, que
sahê hoje e só Deus e o Dyabo sa-
bem quando tornará a sahir, qual-
quer coisa existe, que fira profun-
da ou superficialmente ou simples-
mente pise a religião, a moral, os
bons costumes, as instituições vi-
gentes ou os codigos, de tudo nos
desdizemos, porque não foi nossa
intenção ferir, pisar ou maguar
qualquer d'estas respeitabilissimas
coisas.